

Patrimônio Industrial Desmistifica Lendas da Segunda Guerra: uma nova história para o turismo

Shyarra Roberta Robl Becker¹Diva de Mello Rossini²Luciano Torres Tricárico³

Resumo

O patrimônio industrial remanescente pode desvelar passados ocultos. A interface entre o Turismo e o Patrimônio, sendo ele material e imaterial, é latente nesta pesquisa. A pesquisa reconstrói a trajetória de uma indústria química em Santa Catarina, Brasil, cuja história fez parte da Segunda Guerra Mundial. Essa reconstituição dialoga com questionamentos a serem revistos, como mitos gerados, distâncias culturais da época e sentimentos de nacionalismo. A Guerra na Ucrânia (iniciada em 2022) trouxe consigo olhares para a destruição do patrimônio cultural que faz parte da memória de gerações, este acontecimento reforça a necessidade do estudo relacionado ao patrimônio turístico e histórico a fim de que se obtenham, além de sua preservação, registros históricos de seus legados. O objetivo deste artigo centrou em destacar a importância da memória para ampliar a atratividade turística de patrimônio industrial. Como resultado, o artigo possibilita visitar a cultura teuto-brasileira do sul do Brasil e, ainda, desmistificar lendas nazistas.

Palavras-chave: Patrimônio Industrial, Lendas míticas, Segunda Guerra Mundial, Cultura Teuto-brasileira, Turismo.

Abstract

Industrial Heritage Demystifies World War II Legends: a new story for tourism.

Remaining industrial heritage can reveal hidden pasts. The interface between Tourism and Heritage, being it material and immaterial, is latent in this research. The research reconstructs the trajectory of a chemical industry in Santa Catarina, Brazil, whose history was part of the Second World War. This reconstitution dialogues with questions to be reviewed, such as generated myths, cultural distances from the time and feelings of nationalism. The War in Ukraine (started in 2022) brought with it looks at the destruction of cultural heritage that is part of the memory of generations, this event reinforces the need for the study related to tourist and historical heritage in order to obtain, in addition to its preservation, historical records of their legacies. The objective of this article focused on the importance of memory to increase the tourist attractiveness of industrial heritage. As a result, the article makes it possible to revisit the German-Brazilian culture of southern Brazil and also demystify Nazi legends.

Keywords: Industrial Heritage, Mythical Legends, World War II, German-Brazilian Culture, Tourism.

1. Doutoranda do Programa de Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí. Balneário Camboriú, Santa Catarina, Brasil. E-mail: arshyarra@gmail.com.
2. Pós-doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade do Vale do Itajaí. Docente do Programas de Pós-graduação em Turismo e Hotelaria e do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Vale do Itajaí. Balneário Camboriú, Santa Catarina, Brasil. E-mail: divarossini@univali.br.
3. Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo. Docente do Programas de Pós-graduação em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí. Balneário Camboriú, Santa Catarina, Brasil. E-mail: tricarico@univali.br.

Resumen

El patrimonio industrial desmitifica Leyendas de la Segunda Guerra Mundial: una nueva historia para el turismo

El patrimonio industrial remanente puede revelar pasados ocultos. La interfaz entre Turismo y Patrimonio, siendo material e inmaterial, está latente en esta investigación. La investigación reconstruye la trayectoria de una industria química en Santa Catarina, Brasil, cuya historia fue parte de la Segunda Guerra Mundial. Esta reconstitución dialoga con cuestiones a revisar, como los mitos generados, las distancias culturales de la época y los sentimientos de nacionalismo. La Guerra de Ucrania (inició en 2022) trajo consigo miradas a la destrucción del patrimonio cultural que forma parte de la memoria de generaciones, este evento refuerza la necesidad del estudio relacionado con el patrimonio turístico e histórico para obtener, además de su preservación, registros históricos de sus legados. El objetivo de este artículo se centró en la importancia de la memoria para incrementar el atractivo turístico del patrimonio industrial. Como resultado, el artículo permite visitar la cultura germano-brasileña del sur de Brasil y también desmitificar las leyendas nazis.

Palabras Clave: Patrimonio industrial, Leyendas míticas, Segunda Guerra Mundial, Cultura germano-brasileña, Turismo.

INTRODUÇÃO

O patrimônio industrial é testemunha de fatos passados que modificaram o rumo de civilizações (Frotscher, 2015). Dessa forma, os espaços acumulam, com o passar do tempo, uma memória coletiva. Essa memória pode ser ressignificada ou cristalizada, de acordo com os acontecimentos do lugar (Liguori, 2017). Este legado industrial pode estar, ocasionalmente, relacionado aos espaços obscuros, devido ao passado bélico de toda uma geração. Isso pode ser visto através dos crescentes números de turistas que visitam campos de morte, cemitérios e locais de extermínio. Trata-se do fascínio pelo termo denominado *dark tourism* (Hartmann et. al, 2018).

A Alemanha trata os seus erros materializando o genocídio como espaços para o turismo (Liebel, 2018). E, a criação de uma nova pátria no Brasil, pelos imigrantes alemães, demonstra essa cultura de “pátria perdida”, idealizadora de significados que retratam a perda, superação e afirmação dessa superação (Frotscher, 2015). Para Hall (2006), mito, memória e fantasia constroem o passado e são usados para a construção da identidade cultural.

Uma sucessão de fatos relacionados à cultura da época transformou a existência desta indústria num mito, gerado por histórias que foram transmitidas através de gerações. Este artigo averigua se lendas bélicas relacionadas à Indústria Química Matex são verídicas, ou não, esclarecendo os fatos, através de pesquisa documental, bibliográfica e entrevistas abertas. Dessa forma, ao retratar os verdadeiros acontecimentos acerca deste patrimônio industrial, e qual sua real contribuição durante a Segunda Guerra Mundial, os mitos e lendas, tão fortes dentro desta cultura teuto-brasileira-catarinense, serão compreendidos com maior facilidade. Portanto o objetivo deste trabalho é destacar a importância da memória para ampliar a atratividade turística de patrimônio industrial. O objeto

de pesquisa, a chaminé da Indústria Química Matex, bem como o seu entorno edificado, além de seu contexto imaterial, localizado na cidade de São Bento do Sul, Santa Catarina, Brasil.

Esta herança pertencente à histórica e turística Rota Dona Francisca, patrimônio industrial, que pode adquirir novos contextos e significados, através da utilização para o turismo. Ao integrar esta lista de elementos culturais do legado industrial às rotas turísticas, políticas públicas de proteção a este patrimônio poderão ser criadas. A socialização deste conhecimento histórico poderá contribuir com a proposição de novos usos para estas edificações, promovendo a recuperação/preservação de áreas hoje abandonadas. E estimular a realização de outros estudos, que poderão desvelar outros acontecimentos relacionados a cultura de São Bento do Sul.

A pesquisa contribui com dois campos: prático e teórico. A contribuição teórica reside na abordagem sem precedentes sobre patrimônio industrial bélico em São Bento do Sul, Santa Catarina, Brasil, a partir de uma análise investigativa. Referindo-se à parte prática, a pesquisa contribui para os possíveis usos desse patrimônio para o turismo. Do ponto de vista da história, este estudo, além de esclarecer, desmistificar e justificar os reais fatos históricos da época, também fornece evidências que podem ser usadas no desenvolvimento de estratégias para atrair turistas. Também fornece *insights* sobre como o patrimônio industrial pode agregar valor para um destino. O artigo está dividido da seguinte forma: introdução, metodologia, análise de dados, discussão de resultados e considerações finais.

METODOLOGIA

Este estudo se apropria dos preceitos da pesquisa qualitativa e realiza um estudo de caso para compreender um fenômeno histórico, contribuindo para ampliar os conhecimentos políticos, organizacionais, econômicos e industriais. E busca entender fenômenos sociais complexos, comportamentos e perspectivas holísticas e até mesmo psicológicas do mundo real (Yin, 2001).

As incursões investigativas foram realizadas em fontes primárias, ou seja, documentos ou pessoas que possuam conhecimento direto do assunto, além das pesquisas de campo realizadas no local onde funcionava a antiga indústria Matex, onde ainda pode ser vista a antiga chaminé, as casas dos proprietários da empresa e aquelas que eram destinadas aos seus gerentes.

Entrevistas foram realizadas com moradores vizinhos ao patrimônio industrial, aqueles que vivenciaram esta história quando ainda eram crianças. Nas cidades de Jaraguá do Sul, Joinville e São Bento do Sul, visitas técnicas e entrevistas foram realizadas aos museus, ao arquivo histórico municipal e as empresas parceiras do negócio. Também foram utilizadas fontes secundárias, livros e textos que relatam a história da época, artigos em periódicos acadêmico-científicos, reportagens, documentos e arquivos.

Foram realizadas entrevistas com 18 pessoas, sendo eles moradores do Bairro Oxford (próximos da indústria em questão) e do Bairro Centro de São Bento do Sul, descendentes de trabalhadores da Matex e historiadores. As respostas obtidas durante as entrevistas e trechos das conversas informais foram descritas

no artigo. A escolha dos entrevistados deu-se através de indicações, no modelo “bola de neve”, onde cada entrevistado indicava um próximo, que julgava saber mais do assunto. As respostas foram analisadas através da metodologia de análise do discurso proposta por Mikhail Bakhtin (2016), que trata a linguagem como fenômeno social.

Com a finalidade de explanar o contexto histórico da presente pesquisa, as entrevistas foram comparadas às condições econômicas, culturais e sociais da época da Segunda Guerra, e também à época atual.

PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: MEMÓRIAS E PESQUISAS PARA O TURISMO

A integração de grandes chaminés na paisagem urbana, herança de tempos industriais que representaram novas oportunidades, carecem de novas reflexões críticas e históricas (Winter, & Meira, 2019). Para Tinson, Saren e Roth (2015), o papel do *dark tourism* contribui para reafirmar papéis e aprimorar sentimentos, ao focar na reconstrução das narrativas ocorridas nos espaços visitados. Um exemplo são as monstruosas chaminés de Auschwitz, na Polônia, que atualmente são mantidas como memória, segundo Liebel (2018). Ainda segundo o autor, a materialidade continua chocando aqueles que visitam seus espaços. Esse choque serve para rever valores dos turistas. Para Aughey (2010), a construção da identidade nacional conta com narrativas de guerra, vitória, medo e liberdade.

De acordo com a pesquisa de Tinson et. al (2015), os *dark* turistas pertencem à narrativa do turismo. E suas experiências não devem ser esquecidas e sim, utilizadas para contar e revisar histórias de nacionalidade (Stone e Sharpley 2008). Para Podoshen (2013), o turista *dark* pode experimentar simulação e aprofundar entendimentos através de eventos trágicos. Portanto, integrar elementos industriais ao contexto urbano revela conhecimentos que podem ser revividos.

Com relação aos estudos sobre a Segunda Grande Guerra, Ferraz (2015), em pesquisa bibliográfica recente, analisou as publicações sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial no período entre 1945 e 2015. Dentro deste período, diversos foram os temas tratados sobre a Guerra. Porém, apenas 4% das publicações destes 70 anos tratam das temáticas sobre Memória e Patrimônio. O autor concluiu que os estudos que abordam o pós-guerra a partir de um ângulo que engloba a construção de uma memória social e de suas consequências políticas (Ferraz, 2015).

Ainda segundo Ferraz (2015), há imensos campos a se pesquisar, no que diz respeito ao envolvimento do Brasil durante a Segunda Guerra. É necessário, portanto, abrir espaço nas narrativas histórico-brasileiras na memória coletiva. Existe, segundo o autor, um atual crescimento das abordagens regionais, que incorporam novos acervos documentais até então desconhecidos. Devido a essa carência bibliográfica, quando se trata do viés cultural sobre os efeitos da guerra, bem como no que diz respeito ao uso dos espaços de certa forma participantes neste importante evento, e a sua utilização como forma de turismo, é que se demonstra a relevância da presente pesquisa.

Presença alemã no país tropical

A presença alemã no Brasil iniciou em 1824, com a ocupação estratégica das pouco povoadas terras da região Sul, como substituição à mão-de-obra escrava. As terras concedidas pelo governo situavam-se em regiões afastadas das áreas urbanas, ocasionando a formação de pequenas e praticamente exclusivas vilas alemãs. Antes da Primeira Guerra Mundial, cerca de 3,5 milhões de alemães emigraram. Após ela, no entanto, a emigração para a América Latina, a partir da Alemanha, aumentou consideravelmente. As comunidades criadas nesse contexto acabaram valorizando muito a confiança e algumas normas específicas. Assim, foram surgindo, aos poucos, oficinas artesanais, inclusive, inicialmente, dentro de pequenas indústrias.

Paralelamente ao início da Segunda Guerra Mundial, muitas ambiguidades surgiram. Um exemplo seria a indústria química. De um lado havia o perigo de faltar medicamentos, sendo que os principais fornecedores eram europeus. Porém, era uma oportunidade para o desenvolvimento da indústria nacional – fato que já tinha ocorrido durante a Primeira Guerra. Houve, portanto, uma diversificação de produtos. (Torcato, 2016). Durante a era Vargas, nos anos de 1930, empresas farmacêuticas foram obrigadas a sindicalizarem-se, o que ampliou sua articulação política com o Estado (Cytrynowicz 2007). Percebe-se que, ainda segundo Cytrynowicz (2007), a participação das indústrias estrangeiras no mercado brasileiro esteve em crescimento desde o início do século XX. Além disso, a Alemanha era o principal parceiro comercial do país. Nessa época, devido aos investimentos estatais em desenvolver medicamentos militares, os centros de pesquisa saíram das universidades e foram para dentro das indústrias. Depois disso, diversas coisas mudaram, como a necessidade de se investir em equipamentos novos e caros relacionados à saúde.

Contexto industrial catarinense durante a Segunda Guerra

Para contextualizar a realidade da indústria catarinense foram usadas fontes bibliográficas e documentais, alguns trechos das respostas dos entrevistados, como aparece nos próximos parágrafos, portanto, parte dos resultados desta pesquisa já aparecem neste item.

Diversas indústrias catarinenses sofreram intervenções devido à eclosão da Segunda Guerra Mundial. De acordo com o autor Malschitzky (2010), uma grande indústria têxtil catarinense, na época sediada em Itajaí, foi incluída na lista negra, lista de empresas que não poderiam mais comprar produtos que eram considerados estratégicos para a indústria bélica dos aliados. Portanto, a fábrica fechou (Malschitzky, 2010). Solicitaram salvo conduto para ir para São Paulo conseguir fornecedor nacional para o único item importado, o coque para os teares, liberando o nome da lista negra. Porém, em seu retorno, outro problema: o interventor Nereu Ramos determinou que todos os cidadãos de origem dos países do eixo não poderiam morar numa faixa de 350 km da costa litorânea. Assim, após ainda muitas reviravoltas, escolheram como sede a cidade de São Bento do Sul, onde funciona a empresa até os dias atuais.

Em relato de A.H., para Malschitzky (2010) corrobora-se este fato através de sua situação, quando, em 1942, na época morando em Itajaí, precisou sair da cidade. Os Autores Vasconcellos e Pfeiffer (1991), relata que, após a eclosão da Segunda Guerra Mundial, quase não havia dinheiro em circulação na cidade de São Bento do Sul, portanto o comércio era feito apenas através de escambo.

Um dos entrevistados relatou, que nessa época: “uma galinha deveria servir de alimento durante uma semana para uma família com seis filhos” (Entrevistado Z.R., 73 anos).

Todavia, mesmo diante deste cenário de dificuldades, um produto regional caminhou no sentido contrário, se comparado à difícil situação da época, na região de São Bento do Sul: a erva-mate. Ela teve uma valorização muito grande. A cafeína extraída da erva era vendida, antes do início da guerra, por 170\$000 (cento e setenta mil réis) o quilo. Em 1941, passou a ser vendida por 600\$000 (seiscentos mil réis) o quilo (Mafra, 2018).

Dentro deste contexto político e econômico, surge na cidade de São Bento do Sul, a Cia. Química Matex, que seria iniciativa da Indústria Reunidas Jaraguá, de acordo com Henkels (2014). Segundo este autor, a empresa, pertencente a um químico alemão, graduado na Politécnica de Stuttgart, havia se estabelecido aqui no Brasil em 1925. Ele possuía um sócio nesta empreitada, empresário do ramo de Erva-Mate em Joinville. Henkels (2014, p. 2), afirma que:

O produto principal da Matex era a cafeína, que era extraída da erva-mate. Ferviam grandes quantidades de folhas da *Ilex paraguariensis* com vapor produzido nas caldeiras. Dessa infusão extraíam um chorume escuro que passava por um processo nunca revelado de purificação através de extensas tubulações de cobre e outros dispositivos. O produto final era um granulado branco que parecia côco-ralado, segundo alguns.

Os mestres de obra que acompanhavam os projetos simultâneos que aconteciam nos terrenos próximos à estrada Dona Francisca, no bairro de Oxford, relatavam que as construções eram fenomenais, pois, naquela época, possuir projetos tão detalhados e tantas pessoas para tocar todas as obras juntas, era algo impensável (Entrevistados I. B., 91 anos e H. B. 76 anos).

A obra foi iniciada pela chaminé, concomitantemente com a fábrica, cuja fundação foi feita também simultânea à casa da família proprietária do empreendimento, que mais tarde percebeu-se que utilizava muito pouco as instalações (Henkels, 2014). Também foram construídas simultaneamente outras casas na vizinhança para os gerentes e técnicos da indústria Matex. O entrevistado lembra, impressionado, que “tudo subia ao mesmo tempo, de um dia pro outro”. Ele ressalta, inclusive, que a fábrica precisou ser construída de imediato, por isso, o terreno para sua implantação foi um campo de futebol. Como não haveria tempo para preparar terreno, devido à densidade das matas, repletas de araucárias, precisavam de um terreno já limpo, “pois a pressa era grande” (Entrevistado I. B., 91 anos).

Henkels (2014), escreve que a chegada da caldeira causou “frisson” no bairro de Oxford, e que todos foram à rua para ver tal feito. Corroborando com Henkels, I.B. (91 anos), recorda que, estando pronta a fundação, chegou a máquina, uma caldeira gigantesca, trazida de caminhão desde o porto de São Francisco

do Sul. Após sua instalação, no meio da fundação já pronta, a caldeira foi depositada a céu aberto, e foi a partir daí que se iniciou a etapa de levantar os tijolos, em torno da caldeira. Tudo muito bem planejado e coordenado.

O que chama a atenção é justamente o contexto político e econômico da época, já que como descrito acima, eram tempos difíceis. Para o entrevistado H. B. (76 anos), “isso foi uma festa”, pois os carroceiros passavam aos montes com suas carroças trazendo a erva mate para ser beneficiada pela Matex. I.B. (91 anos) corrobora, dizendo que o pagamento era feito em dinheiro, na hora, ali mesmo no pátio, e os carroceiros ainda poderiam levar consigo, gratuitamente, os rejeitos da fabricação. Outro casal de entrevistados (A.B. e C.B., 78 e 77 anos), e Henkels (2014) corroboram, relatando que o pátio ficava tão repleto de fardos de erva-mate, que precisavam alugar um outro espaço, no caso o Salão Linzmeyer, um antigo salão de bailes que havia sido desativado ainda na década de 30. Inclusive, com relação a isso, uma das falas chamou a atenção:

“Em 1945 terminou a guerra, então eles estavam fazendo medicamentos pros soldados do Hitler, isso era um medicamento que os soldados ficavam 72 horas sem dormir, isso eu também escutei aí esses dias de um comentário de um ex-expedicionário, que os soldados, eles ganhavam remédios pra não dormir, eles ficavam 72 horas, 80 horas, trabalhando que nem loucos... e não dormiam e não descansavam e não ficavam cansados.” (Entrevistado A. B. 78 anos)

Henkels (2014), cita, em seu artigo, sobre as lendas da época, deixando claro que muitas delas foram criadas porque o produto produzido no local era exótico. Isso automaticamente fazia com que diversas histórias fossem criadas a partir disso, inclusive de que os nazistas carregavam psicotrópicos e iam até a Alemanha com eles. Até Hitler era citado, quando as pessoas diziam que seus exércitos passaram a ser abastecidos com o que aqui era produzido.

Certamente essas especulações derivam das repressões sofridas pelos teuto-brasileiros⁴ naquele período que, com tantas ordens de silêncio, nada tinham a fazer a não ser recorrer ao imaginário.

O SILÊNCIO, O MEDO E AS LENDAS

Para tentar compreender o silêncio adotado pelos teuto-brasileiros em Santa Catarina, quando se trata de tempos bélicos, deve-se analisar o comportamento político discreto na época. Este silêncio gerou fortes especulações e lendas incabíveis em torno da Cia Química Matex, que afirmavam ser produtora de estimulantes vendidos aos exércitos de Hitler. E foi justamente devido a esse silêncio e à proibição da língua alemã, que errôneas especulações geradas pelos habitantes do Bairro Oxford com relação às Indústrias Matex foram geradas.

Na época da chegada dos colonos ao Brasil, eles estabeleceram suas próprias escolas, antes mesmo que o governo tomasse essa iniciativa (Gade, 1994).

4. Teuto-brasileiro é a designação genérica que se atribui aos grupos de descendentes dos imigrantes alemães que colonizaram, a partir do século XIX, os espaços destinados pelo Governo brasileiro ou por empresários particulares para sua ocupação sistemática, sobretudo nos Estados do Sul.

Essa busca pela alfabetização seria também a vontade de perpetuar seus valores culturais. Por isso a língua alemã era prioridade. Nos anos de 1917 e 1920, a histeria da Primeira Grande Guerra já resultou na proibição do ensino em alemão nas escolas. Gade, (1994) lembra que, durante a Segunda Guerra, ocorreu mais uma proibição, dessa vez banindo a língua alemã de fazer parte do currículo das escolas. Portanto, em junho de 1938, devido ao decreto de Getúlio Vargas, todas as escolas de São Bento do Sul foram fechadas para que os professores pudessem, primeiramente, começar a aprender a língua portuguesa. Em 1942, começaram a acontecer prisões em festas de casamento, onde não mais se poderia nem cantar, nem dançar, muito menos falar a língua alemã em qualquer circunstância (Malchitzky, 2010). Com certeza, foi um choque para os imigrantes.

Em depoimento para esta pesquisa, a menina Elizabeth, nascida no Brasil, em 1926, descendente de imigrantes do império Austro-Húngaro, precisou mudar seu nome para o português. Era o ano de 1937, ela possuía 11 anos. Mudou o nome na sua Primeira Eucaristia, tendo que assinar “Isabela”. Suas amigas recusaram-se a chamá-la por Isabela, então inventaram um apelido: Bela. Cresceu com esse apelido, assinando Isabela. Somente quando casou, o escrivão verificou que essa pessoa não existia, e retificou seu nome para o original: Elizabeth. Mesmo assim, hoje aos 93 anos, em sua carteira de aposentadoria consta: Isabel, pois foi feita de acordo com sua carteira de trabalho, e ainda houve um erro de grafia ali. Muitas identidades, uma só pessoa. O nome verdadeiro mesmo, só durou até seus 11 anos. (Entrevistada E. H.)

Deve-se considerar, também, o medo gerado na época bélica, conforme outros depoimentos:

“sabe, meu pai falava alguma coisa sobre isso, mas a gente não prestava atenção, a gente não se interessava nessas histórias antigas. Também já nem podia falar alemão, nem de guerra, era aquele medo” (Entrevistada O. W., 65 anos). Ou em: “o véio Spitzner falava, era meio escondida a coisa, eu ficava escutando, a turma nem sabiam certo o que era fabricado lá, nem os empregados..... diz que nem podiam falar o que era fabricado” (Entrevistado A. B. 78 anos).

Essa tendência em negar, silenciar, ocultando um passado sombrio revela traços do nacionalismo alemão, trazido desde os tempos de Arminius, o Querusco, na batalha de Varus (Albuquerque & Silva, 2017).

Porém, apesar de Levi e Segre (1976) enfatizar que os monstros mais perigosos “são os homens normais”, e Hannah Arendt (1963) corrobora afirmando que o desumano habita cada um de nós, obviamente existem pessoas desumanas, como Fritz Teer Mer, um químico da indústria IG Farben, responsável pela produção química de Monowitz-Auschwitz, quando relatou, em seu julgamento, que não tem lembrança alguma dela, ao ser questionado sobre a imensa chaminé de Auschwitz (Posner, 2018). Como ele foi capaz de relatar não ter sequer visto a chaminé?

Cabe lembrar que nem todas as chaminés são nazistas, nem todo alemão é nazista. Segundo o autor Liebel (2018), o senso-comum promove um enquadramento da imagem “nazismo-neonazismo-Alemanha-germânica”. Ele ressalta, ainda, que o ódio independe de sobrenome para acontecer. Há várias formas

de lidar com o passado e que todas elas envolvem interesse, poder e exclusões. (Araújo & Santos, 2007).

Os fenômenos da memória coletiva são os maiores responsáveis pela formação de mapas culturais. A memória é constituída por indivíduos em interação, por grupos sociais, sendo as lembranças individuais resultado desse processo. (Halbwachs, 1950). Machado (1994), corrobora dizendo que as preocupações e as ansiedades do mundo atual - onde pessoas estão sempre à procura de algo - vêm preenchendo a lacuna implementada pelas disfunções das sociedades. Portanto, a questão dos nacionalismos possui caráter psicológico, na busca de um sentido na vida. Para Paul Roland (2018, p. 141), “o saber contínuo no conceito mítico é um saber confuso, constituído por associações moles, ilimitadas”.

Liebel (2018), lembra que houve um crescimento da desconfiança em relação às colônias alemãs no Brasil durante os períodos das duas guerras mundiais, quando as concepções de superioridade do terceiro Reich tiveram alguma influência sobre os colonos. A propaganda nazista era abundante entre 1930 e 1940, porém o engajamento, nem tanto (Liebel, 2018,). Os motivos para filiação ao partido eram saudosistas e comerciais, não ideológicos. Portanto nunca houve o que se pregava como o “perigo alemão”, que nunca existiu concretamente. O próprio silêncio sobre a Matex, por exemplo, ocorreu devido à distância entre Jaraguá do Sul e São Bento do Sul. E devido à falta de meios de comunicação naquela época. Por isso o imaginário preencheu este vazio. Para a especialista Dias (2018), que estuda o nazismo no Brasil há 16 anos, em entrevista recente:

Essa população alimentou essa crença durante muitos anos, e depois ouviu que nada daquilo era verdade. Uma parte dessa população com certeza guardou a frustração e a esperança de que isso fosse verdade. Pode ser uma parte pouco expressiva, mas em números relativos é considerável, porque se todo esse povo se juntar o estrago é grande. É uma parte que leu e releu esses documentos da época e agora viu o espaço. As pessoas estão lendo coisas absurdas, leituras muito obtusas. (Dias, 2018, 366p)

Segundo Seyferth (1982) e Gertz (1991), nunca houve separação entre os imigrantes alemães e o Brasil real. Os teuto-brasileiros participavam da vida política brasileira, mesmo formando colônias etnicamente homogêneas em espaços mais ou menos isolados. Nas décadas de 1930 e 1940 houve uma grande exposição dos ideais nazistas em Santa Catarina, e isso posteriormente foi proibido, porém, manteve-se vivo em documentos e, principalmente, na memória de alguns moradores.

No dia 28 de janeiro de 1943, o Brasil rompeu suas relações com a Alemanha, Itália e Japão (Mafra, 2018; e Luna, 2014), foram convocados brasileiros para lutar pela FEB, a Força Expedicionária Brasileira. A cidade de São Bento do Sul participou ativamente da Segunda Guerra, conforme demonstram diversos relatos de São-bentenses, em entrevistas concedidas ao autor Carlos Augusto Campestrini (2008), em seu livro intitulado: São Bento do Sul na Segunda Guerra Mundial.

Neste mesmo ano, em novembro de 1943, a Companhia Química Matex inaugurou, abrindo suas portas com grandiosa celebração, contando inclusive com

a presença do então Interventor do Estado de Santa Catarina, Nereu Ramos. De acordo com Henkels (2014), neste dia foi feita uma grande churrascada.

Nereu Ramos era membro de importante família luso-brasileira do planalto catarinense, cujo pai, Vidal Ramos, já havia iniciado a nacionalização, em 1911. Ora, se ele estava presente na inauguração, o próprio artigo de Henkels (2014), mostrando a foto da mesma, já se contradiz, pois o que faria Nereu Ramos em uma empresa supostamente nazista? Nereu Ramos, segundo Luna (2014), lançou mão de medidas de retaliação, inclusive, contra municípios de liderança teuto-brasileira, quando Blumenau, por exemplo, pagava impostos mais altos sob a justificativa de ser um município industrializado.

Assim, também, documentos como a ata da reunião, demonstrando os motivos do fechamento súbito da indústria, concomitantemente com a guerra, demonstram claramente as reais motivações econômicas, e não causas políticas, geradas pelo misticismo lendário da época, que se manteve vivo até os dias atuais. Isso demonstra a importância da pesquisa científica no que concerne à investigação aprofundada dos fatos.

“Nem todo alemão é nazista”

O nacionalismo alemão, no sul do Brasil, demonstra, ainda, certo enraizamento, o que pode ser justificado pelo fato de que muitos vieram em 1875, logo após a guerra da Prússia, com as guerras napoleônicas e o nascimento do nacionalismo alemão, que veio para o Brasil através desses primeiros imigrantes (Albuquerque e Silva 2017). Em Santa Catarina, muitos torciam para Hitler no início da Segunda Guerra, mas, depois viram que era melhor se calar.

Segundo Liebel (2018, p. 310), “não é possível apagar o passado, resta transformar o presente em futuro”. A Alemanha tenta aprender essa lição, através da proporção da paz e do princípio de irmandade, abrindo-se ao multiculturalismo e recebendo imigrantes e refugiados em seu território (Liebel, 2018). O país acredita ainda possuir uma dívida histórica com seus vizinhos.

A moderna e tolerante Berlim é, hoje, palco de eventos turísticos importantes, como a parada gay desde 1979, o Karneval der Kulturen, que reúne 1 milhão de visitantes, e são provas do reconhecimento das diversidades (Liebel, 2018). Traçando-se um paralelo, esses aspectos de aceitação das diversidades ainda são difíceis de serem assimilados em cidades brasileiras teuto-germânicas como São Bento do Sul. Onde certo isolamento causado pela Serra do Mar e pela distância do centro da cidade às rodovias de ligação com outras cidades e com a linha férrea, foram fatores que dificultaram a abertura e a integração da comunidade com outras culturas.

A imagem acerca dos imigrantes alemães, criada pelos brasileiros, era baseada em informações moldadas pela imprensa, aceites pelos luso-brasileiros, desencadeando atitudes negativas a tudo que era ou até mesmo apenas lhes parecia alemão (Luna, 2014). Com a entrada do Brasil na Guerra, os gritos de “viva o Brasil” e “morte para a Alemanha”, transformaram todo descendente de alemão em bárbaro (Luna, 2014). Para Barretto (2003), inclusive, foi bem sucedida a desconstrução da identidade germânica durante a Segunda Guerra.

Os teuto-brasileiros sabem que a Alemanha os explorou economicamente, sendo hoje um dos sete países mais ricos do mundo.

Obras escritas na época, como Canaã, de Graça Aranha, Mário de Andrade (Amar, verbo intransitivo) e Érico Veríssimo, com o seu “O tempo e o Vento”, são obras da época da queda de Getúlio Vargas e retratam os imigrantes e seus descendentes no Brasil, e sua relação com a terra natal e a estranheza e atitudes belicosas quanto aos descendentes alemães (Fouquet, 1974). As memórias da pesquisa trouxeram outras lembranças, um pouco mais recentes, mas também muito curiosas, sobre os primeiros negros vistos no Bairro de Oxford, durante desfile da primeira escola de samba, que ocorreu devido à construção da rodovia “estratégica”, atual SC-301, quando funcionários vieram de fora para trabalhar nas obras, no ano de 1976. Um dos entrevistados disse que:

“Os negros eram bem respeitosos, eu entregava leite em Oxford, de bicicleta. E no desfile do carnaval só havia um branco, que era o motorista são-bentense, que levava os materiais de construção... foi a primeira vez que eu vi negros na minha vida.” (I. R. 65 anos)

Esta rodovia passa exatamente sobre a então edificação da Matex. Como a chaminé ficava atrás, esta permaneceu imponente como memória, apesar dos 7 metros de altura que já foram demolidos, na época do fechamento da Matex.

Figura 1 – Foto da Chaminé da Matex em 2019.



Fonte: foto do banco de dados do autor (2019).

“Em 1953 já não tinha mais nada lá, só a chaminé, sei bem porque eu caçava borboletas lá, e foi no ano que meu pai morreu. Na época era só a estrada Dona Francisca, não tinha a rodovia. A rodovia foi construída só depois, nos anos 70.” (Entrevistado A. B., 80 anos).

O menino que caçava borboletas no terreno da chaminé - borboletas vendidas à outra indústria vizinha, que também possui uma chaminé, e que fabricava quadros com borboletas - cresceu acreditando na lenda do pó branco para os soldados de Hitler, no entanto a cafeína foi exportada para os aliados. Essas idas e vindas da história demonstram como o patrimônio pode - e deve - ser testemunhado e revisitado. Por isso a importância de um novo olhar para o passado, sendo o turismo um meio de revisar mitos e lendas, reconstruindo a identidade cultural (Hall, 2006).

No entanto, após averiguação das respostas e leitura de documentos, observou-se que somente os moradores da vizinhança da Matex corroboraram com o autor Henkels. Ao entrevistar moradores do centro da cidade, as respostas mudavam, eles sequer conheciam essa lenda. Um entrevistado, morador do centro do município de São Bento do Sul, também proprietário de indústria consolidada, relatou: “Isso não aconteceu em São Bento” (Entrevistado H. E., 94 anos). Ele ainda lembrou que o bairro de Oxford, talvez por estar totalmente conectado à antiga Estrada Dona Francisca, principal acesso para a cidade, “sempre foi mais tradicional que o centro, os jardins mais lindos, eram os de Oxford”.

Já na cidade vizinha, Jaraguá do Sul, o entrevistado R. H. (91 anos), confirmou que a Cia Química Matex em São Bento do Sul, produzia, no bairro de Oxford, um pó branco denominada cafeína, extraído do chorume de erva-mate, e praticamente toda a produção extraída em São Bento do Sul foi exportada para os Estados Unidos, através de seu agente exportador, localizado na Argentina, país neutro durante a Guerra. Outra parte era vendida no Brasil. Os autores Canuto, Jagnow e Correa (2003), ressaltam, em seu livro, os diversos contatos mantidos com o consulado americano demonstrando que os Estados Unidos estavam vivamente interessados no produto.

Após a análise das entrevistas, confrontadas à documentação e às fontes bibliográficas e históricas, desvela-se que tudo não passou de um mito, uma lenda. Para Liebel (2018), o senso-comum promove um enquadramento da imagem do nazismo-neonazismo-Alemanha-teuto-brasileiros muitas vezes equivocada e sensacionalista, feita através da falta de conhecimentos mais aprofundados a respeito dessas questões, segundo o autor. Esses grupos violentos neonazistas muitas vezes nem possuem ancestralidade germânica. Ele resalta que o ódio independe de sobrenome para acontecer, e que a imigração de alemães para o Brasil auxiliou na moldagem e na construção do país.

Por que surgem, no Brasil, tantos mitos nazistas?

O entrevistado R. H. (91 anos) resalta que as fantasias presentes no histórico da Cia. Química Matex, principalmente no que se refere aos motivos políticos, não lhe causam estranhamento, uma vez que, naquela época, devido à falta de meios de comunicação, “o surgimento de boatos e entendimentos esdrúxulos era certa necessidade compreensível.” Henkels (2014) corrobora e justifica, dizendo que:

As razões para se criarem essas fantasias no imaginário dos são-bentenses também haviam. Um dos pontos é que os produtos que ali eram elaborados eram

transportados sempre de automóvel ou no caminhão próprio, não se utilizando do transporte ferroviário, que nessa época tinha ligação regular com Jaraguá. Só a matéria prima bruta entrava por via férrea. (Henkels, 2014, p. 2)

Assim, devido ao transporte exclusivo, quando em Oxford ainda prevaleciam as carroças, as pessoas deduziram que se tratava de um produto secreto. Percebe-se nitidamente que os meios de comunicação, sendo apenas locais, além de encontrarem-se num contexto de repreensão, onde não se podia sequer falar alemão, tampouco falar sobre a Guerra vigente, geravam especulações e conclusões criativas e fantasiosas a respeito dessa indústria.

O fato de o gerente da fábrica possuir sobrenome Goering, provavelmente também fez crescer o imaginário dos moradores das redondezas. Os autores Campbell, J. e Moyers, B. (1990), vê, nos mitos, uma experiência que dá sentido à vida humana, uma vez que o mito traz certa aproximação à sabedoria. Este funcionário Goering possuía uma pensão para abrigar os demais funcionários. A casa ainda permanece, hoje, no local.

O confronto dos dados econômicos e políticos da época é fundamental para a compreensão do surgimento deste mito. Segundo Henkels (2014), o motivo que incentivou a lenda do famoso “pó branco” foi que a produção parou, subitamente e concomitantemente ao término da Guerra, em 1945. De acordo com Henkels, (2014), a fábrica passou a se deteriorar, após ser desativada, e foi, posteriormente, abandonada por muito tempo.

Porém, de acordo com Canuto et. al. (2003), os motivos da paralisação súbita foram meramente econômicos, embora o projeto inicial de construir a fábrica próxima da matéria-prima, no Planalto Norte catarinense, inicialmente tivesse sido muito rentável. A situação mudou bruscamente, com o início da fabricação americana de cafeína sintética produzida em larga escala, com custo mais baixo que a natural.

Na Ata da assembleia de acionistas de 1945, o diretor-técnico da Matex demonstra a queda do preço da cafeína, anteriormente custando Cr \$650,00 por quilo, agora havia caído para Cr \$300,00 o quilo. Ao mesmo tempo, a matéria-prima subiu de Cr \$400,00 para Cr \$900,00 a tonelada. Assim também subiram os custos de lenha para aquecer o forno e os salários dos funcionários, tornando a empreitada inviável. (Ata da Assembleia Geral Ordinária, de 27 de março de 1945).

Pode-se imaginar a pressão emocional para uma pessoa que colocou todo o seu conhecimento, sua criatividade e esforço em um projeto que, devido às circunstâncias alheias e não controláveis, desmorona como um castelo de areia. (...) Hoje, de mais este empreendimento arrojado resta apenas, como testemunha muda e altiva, a velha chaminé, nas imediações do trevo de Oxford, insistindo em resistir ao tempo. (Canuto et. al., 2003, p. 119).

O entrevistado R. H. (91 anos) também complementa reiterando que os motivos foram apenas e simplesmente econômicos, jamais políticos.

Após encerrar a extração da cafeína da erva-mate, ainda houve a tentativa de produzir digitalina, um alcaloide usado na medicina para dar suporte à tratamentos cardíacos, porém, devido à falta de recursos, este projeto não passou de plantações experimentais. (Canuto et. al., 2003).

Portanto, o objeto de estudo deste artigo, a chaminé da antiga indústria Matex, localizada em São Bento do Sul, Santa Catarina, com todas as lendas e curiosidades que a contemplam, poderia ser apropriada pelo turismo industrial, até mesmo como uma forma de dark turismo, para que essas memórias possam ser revisitadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa responde ao objetivo geral, investigando e desmistificando os fatos relacionados aos imigrantes São-Bentenses e seu papel durante a Segunda Guerra Mundial, bem como traz justificativas quanto aos motivos que despertam tamanho interesse por tempos bélicos.

O autor Campbell e Moyers (1990), fala dos “bocados de informação” que surgiram dos tempos mais antigos e que sempre acabam dando sustentação à vida humana, pois dessa forma é que foi construída a humanidade, assim, as religiões foram formadas, através dos séculos. Ou seja, para preencher o vazio interior, os mitos, lendas, estórias, foram multiplicando-se, até os dias atuais. Isso fica muito claro na obra de Joseph Campbell (2008), quando este declara que as palavras são máscaras da eternidade, sempre limitações e qualificações. Corroborando com Campbell (2008), o autor Roland Barthes (2009) discorre, ainda, sobre os sentimentos de não satisfação do mitólogo, no caso a pessoa que divulga o mito. Ele lembra que a cumplicidade com o mito, ou seja, quando ele é revelado e gera concordância da maioria, ainda não satisfaz o mitólogo. “Justificado pela dimensão política, na realidade, o mitólogo vive afastado dela” (Barthes, 2009, p. 249)

Para Barthes a generalização de mitos representa “a própria humanidade daqueles que, não tendo nada, o pediram emprestado”. (...) ele duvida sempre que as verdades de amanhã sejam exatamente o oposto das mentiras de hoje. (Barthes, 2009, p. 250). O fascínio pela dilaceração do mundo social e a mistificação de fatos é, sem dúvida, ainda segundo Barthes, possuidora da mesma medida da atual alienação de um povo. O conhecimento profundo da situação das nações é primordial, para Quincy Wright (1942), a fim de promover a causa da paz e também evitar que falsos profetas a prejudiquem. Albuquerque e Silva (2017) ressaltam que é necessário analisar as construções míticas com a finalidade de compreendê-las dentro da tradição do seu próprio tempo.

A pesquisa buscou refletir sobre os chamados “achismos”, inclusive muito em voga nos dias atuais, dentro do atual contexto político, no que diz respeito à dedução e generalização de que todo alemão é nazista. Um dos problemas, segundo Campbell e Moyers (1990), é de que a maioria das pessoas não está familiarizada com a literatura do espírito. Devido a isso, acabam interessando-se pelas notícias do dia e também nos problemas do momento (Campbell, 2008), o que faz com que, por vezes, a falta de conhecimento ou de busca por ele, faça com que as pessoas tirem suas próprias conclusões, sem fundamentação teórica.

Portanto, o artigo buscou averiguar a relação entre o passado histórico e o imaginado, compreendendo o silêncio da época e o atual, devido ao nacionalismo de hoje que ainda prevalece no Brasil, principalmente no sul do país, que foi o gerador dessa falsa lenda. A pesquisa retratou os verdadeiros acontecimentos,

desmistificando os boatos históricos, além de justificar o surgimento dos mitos, dentro desta cultura teuto-brasileira.

O estudioso René Gertz (1987), em seu livro “O Fascismo no Sul do Brasil” afirma que é impossível aceitar teorias desenvolvidas politicamente a partir de preocupações com os alemães, que explicam a grande aceitação do integralismo e que se baseiam apenas na variável étnica de que todo descendente de alemão é, por definição, um nazista e, portanto, integralista. Uma abordagem social e cultural é mais relevante.

Conforme afirma Woortmann (2000), a elite urbana não é homogênea, e a vida dos colonos não foi, contudo, inteiramente esquecida. A vida colonial pode ser atração turística, devido ao seu glamour nostálgico.

Sugere-se a revitalização da Chaminé da Matex, como forma de retificar as lendas e mitos que ali se propagaram, bem como para repensar os recentes conflitos nacionalistas da atualidade. Essa visita turística em espaços relacionados ao belicismo proporciona interessante troca de energias e emoções. Para Hobsbawm (1991), o entendimento da palavra nação é primordial para a compreensão dos assuntos humanos nos últimos dois séculos de história. Conclui-se que tudo o que a memória oral calou, devido às restrições e proibições à língua alemã, a memória escrita e a pesquisa científica podem, hoje, recuperar, retratando a cultura da época e reforçando a continuidade e atualização desses momentos históricos. Para futuras pesquisas, propõe-se um maior aprofundamento a respeito do preconceito em torno dos teuto-brasileiros e sua não relação com movimentos nazistas, tampouco neonazistas.

A pesquisa efetuada para a realização deste estudo despertou o interesse de pessoas relacionadas ao patrimônio, e de pessoas que vivenciaram esta história, em proteger este patrimônio industrial. Ao fim da pesquisa, o município de São Bento do Sul manifestou que há interesse de preservação do imóvel, e iniciou as atividades referentes ao processo de tombamento deste. Além disso, um projeto de duplicação da Rodovia onde a chaminé está localizada, o qual acarretaria na demolição da mesma, será revisto pelo Estado visando preservar este patrimônio industrial. Portanto, evidencia-se através deste artigo a extrema importância da pesquisa e do estudo do patrimônio para seu reconhecimento e preservação.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, M. C. & Silva, D. G. G. (2017). “Hail Arminius! O Pai dos Alemães!”: a construção mítica da Unificação Alemã entre 1808 e 1875. *Revista Topoi RJ.*, 18 (35) <https://doi.org/10.1590/2237-101X01803505>
- Araújo, M. P. N. & Santos, M. S. dos. (2007). História, memória e esquecimento: Implicações políticas. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 79, 95-111. <https://doi.org/10.4000/rccs.728>
- Arendt, Hannah. (1963). “Eichmann em Jerusalém: Um Relato sobre a Banalidade do Mal”. Editora Companhia das Letras, 344 p.
- Aughey, A. (2010). Anxiety and injustice: The anatomy of contemporary English nationalism. *Nations and Nationalism*, 16(3), 506-524. <https://doi.org/10.1111/j.1469-8129.2009.00422.x>
- Bakhtin, M. *Os Gêneros do Discurso*. Editora 34, 176 p.

- Barretto, M. (2003). La delicada tarea de planificar turismo cultural: Un estudio de caso con la "germanidad" de la ciudad de Blumenau-SC (Brasil). *PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, vol. 1, núm. 1, janeiro, 2003, pp. 51-63. <https://www.pasosonline.org/Publicados/1103/PASOS01.pdf>
- Barthes, R. (2009). *Mitologias*. Editora DFL, 4ª edição 258 p.
- Campbell, J. (2008). *The hero with a thousand faces* (Vol. 17). New World Library. 418 p.
- Campbell, J., & Moyers, B. (1990). *O poder do mito*. Palas Athena Editora, 272 p.
- Campestrini, C. A. (2008). *São Bento do Sul na Segunda Guerra Mundial*. Editora JL Ltda.
- Canuto, A. M., Jagnow, E. L., Correa, C. C. (2003). *A Essência da Nossa História*. Jaraguá do sul: Duas Rodas Associação Recreativa.
- Cytrynowicz, M. M. (2007). *Origens e trajetórias da indústria farmacêutica no Brasil*. São Paulo: Narrativa Um, 192 p.
- Dias, A. A. M. (2018). *Observando o ódio: entre uma etnografia do neonazismo e a biografia de David Lane* (Tese). DOI: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2018.1060866>
- Ferraz, F. C. A. (2015). Considerações historiográficas sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial: balanço da produção bibliográfica e suas tendências. *Esboços: histórias em contextos globais*, 22(34), 207-232. <https://doi.org/10.5007/2175-7976.2015v22n34p207>
- Fouquet, C. (1974) *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil, 1808-1824-1974*. Instituto Hans Staden de Ciências, Letras e intercâmbio, 259 p.
- Frotscher, M. (2015). A Lost Homeland, a Reinvented Homeland: Diaspora and the 'Culture of Memory' in the Colony of Danube Swabians of Entre Rios. *German History*, 33(3), 439-461, <https://doi.org/10.1093/gerhis/ghv085>
- Gade, D. W. (1994). *Germanic Towns in Southern Brazil: Ethnicity and Change*. Focus on Geography, 44 (1) Pages 1-6. <https://doi.org/10.1111/j.1949-8535.1994.tb00066.x>
- Gertz, R. E. (1987). *O fascismo no sul do Brasil: germanismo, nazismo, integralismo* (Vol. 1). Mercado Aberto, 205 p.
- Gertz, R. E. (1991). *O perigo alemão*. Porto Alegre Ed. UFRGS, 92p. 20
- Hall, S. (2006). Identidade cultural e diáspora. *Comunicação & Cultura*, (1), 21-35. <https://doi.org/10.34632/comunicacaoecultura.2006.n1>
- Hartmann, R., Lennon, J., Reynolds, D. P., Rice, A., Rosenbaum, A. T., & Stone, P. R. (2018). The history of dark tourism. *Journal of Tourism History*, 10(3), 269-295. <https://doi.org/10.1080/1755182X.2018.1545394>
- Henkels, H. (2014) *História de São Bento do Sul – Relatos a partir de Olimpio Schmidt e Hilário Brand*. <https://hhenkels.blogspot.com/2014/04/historia-de-sao-bento-do-sul-1-matex.html>
- Hobsbawm, E. (1990). *Nações e nacionalismo desde 1780. Programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e terra, 278 p.
- Levi, P., & Segre, C. (1976). *Se questo è un uomo*. Turin: Einaudi, 168 p.
- Liebel, V. (2018). *Os Alemães*. São Paulo: Ed. Contexto, 320 p.
- Liguori, F. P. (2017) O turismo obscuro e patrimônio edificado. *Anais do XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia*. ISBN: 978-85-98711-18-8 https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502235151_ARQUIVO_Oturismoobscuroepatrimonioedificado.pdf
- Luna, F. V., & Klein, H. S. (2014). *The economic and social history of Brazil since 1889*. Cambridge University Press, 454 p. <https://doi.org/10.1017/CBO9781107337046>

- Machado, F. L. (1994). Luso-africanos em Portugal: nas margens da etnicidade. *Sociologia: problemas e práticas*, (14), 111-134.
- Mafra, A. D. (2018) *História do Poder Legislativo de São Bento do Sul*. Edição: Poder Legislativo Municipal, Câmara de Vereadores de São Bento do Sul.
- Malschitzky, D. (2010) *Pequenas Histórias de São Bento – Memória oral de personagens de São Bento do Sul*. São Bento do Sul: Editora Oficina da Impressão. 190 p.
- Podoshen, J. S. (2013). Dark tourism motivations: Simulation, emotional contagion and topographic comparison. *Tourism Management*, (35), 263-271. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2012.08.002>
- Posner, P. (2018). *O farmacêutico de Auschwitz*. Globo Livros. 296 p. Rio de Janeiro – RJ
- Seyferth, G. (1982). *Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí*. FCC Edições, 223 p.
- Stone, P., & Sharpley, R. (2008). Consuming dark tourism: A thanatological perspective. *Annals of Tourism Research*, 35(2), 574-595. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2008.02.003>
- Tinson, J. S., Saren, M. A., & Roth, B. E. (2015). Exploring the role of dark tourism in the creation of national identity of young Americans. *Journal of Marketing Management*, 31(7-8), 856-880. <https://doi.org/10.1080/0267257X.2014.995207>.
- Torcatto, C. E. M.. (2016). *A história das drogas e sua proibição no Brasil: da Colônia à República*. Tese de Doutorado, USP. <https://doi.org/10.11606/T.8.2016.tde-05102016-165617>
- Vasconcellos, O., Pfeiffer, A. (1991) *São Bento, Cousas do nosso Tempo*. 2 ed. São Bento do Sul: Edição dos Autores, 561 p.
- Winter, J., Meira, A. L. (2019) *Patrimônio industrial: elementos remanescentes em uma cidade de porte médio no Rio Grande do Sul*. Anais do 3 Simpósio Científico do International Council on Monuments and Sites (ICOMOS/Brasil). <https://www.even3.com.br/anais/IIISimposioICOMOSBrasil/148597->
- Woortmann, E. F. (2000). Identidades e memória entre teuto-brasileiros: os dois lados do Atlântico. *Horizontes antropológicos*, 6, 205-238. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832000001400009>
- Wright, Q. (1942) *A Study of War*. Chicago: University of Chicago Press, 1965. 451 p.
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de Caso: Planejamento e métodos*. Trad. Daniel Grassi 2.ed. - Porto Alegre : Bookman, 105 p.

Recebido em: 29 set. 2023

Aceito em: 18 dez. 2023

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES:

Shyarra Roberta Robl Becker: Definição do problema de pesquisa e objetivos; desenvolvimento da proposição teórica; realização da revisão bibliográfica e fundamentação teórica; escolha dos procedimentos metodológicos; coleta de dados; análise de dados; elaboração de tabelas, gráficos e figuras; realização de cálculos e projeções; revisão crítica do manuscrito; redação do manuscrito; adequação do manuscrito às normas da RTA.

Diva de Mello Rossini: Desenvolvimento da proposição teórica; análise de dados; revisão crítica do manuscrito.

Luciano Torres Tricárico: Desenvolvimento da proposição teórica; análise de dados; revisão crítica do manuscrito.